

## CONFERÊNCIA

Recebido em 1 de maio de 2019  
Aprovado em 1 de junho de 2019

# A formação dos sistemas de tratamento em português: mudança e avaliação

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.28661>

*Célia Regina dos Santos Lopes*

Professora Titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

E-mail: [celiar.s.lopes@gmail.com](mailto:celiar.s.lopes@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4344-1039>

## Introdução

Para iniciar esta conferência<sup>1</sup> mencionarei uma passagem do livro Sociolinguística Histórica de Conde Silvestre (2007, p. 143) que, a meu ver, pode introduzir ou concluir a minha fala:

As mudanças não costumam afetar de maneira regular a todo o conjunto dos falantes de uma língua, mas são o resultado de processos de generalização ao longo de períodos de tempo prolongados, durante os quais sua extensão pelo **sistema** e **comunidade** progride com ritmo diferente segundo o estágio em que se encontre a variável afetada.

Como não poderia deixar de ser, o fenômeno que abordarei está ancorado nos cinco problemas que fundamentam a *teoria empírica da mudança linguística* discutida no texto fundador de Weinreich Labov, Herzog (1968). Na verdade, além dos problemas que costumam protagonizar as análises variacionistas empíricas (*transição, encaixamento, restrição*), darei enfoque especial à *implementação e avaliação* pelo fato de esta última figurar à margem nas análises sobre processos de mudança.

Na citação motivadora de Conde Silvestre constam os pilares da teoria da mudança quando se menciona a sua extensão pelo sistema e pela comunidade em ritmos diferentes, pressupondo estágios – etapas (“períodos de tempo prolongados”) que se vinculam, obviamente, ao problema da *transição*. Os processos de implementação de formas de deferência para o terreno da intimidade que pretendo discutir (de *Vossa Mercê* > *você*) costumam estar mais associados a questões de natureza sócio-pragmática – mudança do valor da forma em si em função das próprias mudanças sociais –, embora possam apresentar repercussões também no plano gramatical relacionadas à inserção gradual das demais formas do mesmo paradigma, além da reorganização verbo-pronominal e a perda dos sujeitos nulos referenciais. Em outros estudos (Lopes *et al.*, 2018, entre outros), tenho procurado demonstrar historicamente a ruptura do sistema simétrico do tipo *tu-te-ti-contigo* em favor de um quadro híbrido *você-te-para você* a partir da emergência da nova forma *você* como pronome. Por ora, os objetivos dessa conferência seriam outros. Pretendo mostrar, entre outros aspectos, que as diferenças entre a formação dos sistemas de tratamento do português europeu (doravante PE) e do português brasileiro (doravante PB) a partir da emergência de *você* não se limitam a razões de natureza sociopragmática, mas são influenciadas pelo fato de termos duas gramáticas distintas com caminhos separados nos dois territórios. Trata-se assim inclusive de uma questão de *encaixamento*, uma vez que a mudança se adapta ao sistema linguístico e social em que ocorre, rompendo com o sistema do qual fazia parte em função

---

<sup>1</sup> Os resultados reunidos nesta conferência baseiam-se em discussões de dois estudos já publicados (cf. LOPES *et al.*,

da sua relação com outras unidades linguísticas: uma reação em cadeia (cf. CONDE SILVESTRE, p. 77-78).

O intuito é salientar, principalmente calcada no problema da *avaliação*, que a perda dos sujeitos nulos referenciais ocorrida no PB e não no PE foi um dos aspectos propulsores das diferenças existentes entre os sistemas de tratamento vigentes nas duas línguas. Várias camadas sobrepostas de mudança atuaram nesse processo como pretendo apontar.

Assim, este trabalho está estruturado em duas linhas de ação com ênfase na *difusão* e no *encaixamento*, além da *avaliação* da mudança.

Primeiramente, darei notícias sobre a criação dos novos sistemas de tratamento de segunda pessoa do singular (doravante 2SG) no PE e PB a partir da inserção de *você* (oriundo de *Vossa Mercê*), ou seja, proponho resgatar diacronicamente a ampliação dos seus contextos de uso. Para tanto, recupero estudos contrastivos que acompanharam a sua inserção como forma variante de *tu* nos dois territórios. O objetivo é correlacionar a distribuição cronológica das estratégias de 2ª pessoa na posição de sujeito à frequência do preenchimento do sujeito para defender uma distinção entre duas gramáticas, o que não deixaria de ser lugar comum na literatura sobre o tema. Na verdade, pretendo discutir que o fato de o PE ter se mantido como língua de sujeito nulo, aliado à forte rejeição ao emprego explícito de *você* (negativamente marcado desde o século XIX) bloqueia/impede que a forma verbal de 3ª pessoa seja interpretada como “tratar alguém por *você*”, como se costuma dizer.

A partir desse panorama mais amplo, focarei nos resultados relativos ao Rio de Janeiro para dar conta dos valores sociais assumidos a partir do tipo de relação estabelecida entre remetentes e destinatários de cartas produzidas ao longo dos séculos XIX e XX. Por fim, discuto a questão da *avaliação/percepção* que falantes do PB e do PE fazem do emprego de *tu* e *você*, mostrando os resultados de um experimento realizado no Rio de Janeiro e em Lisboa para comprovar que a variante *sujeito nulo* (*verbo na 3ª pessoa do singular*) não é uma correlata da variante *você + verbo* no PE.

Para a primeira parte, levarei em conta os princípios da sociolinguística laboviana (LABOV, 1994), da Solinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007) e dos pressupostos da pragmática sociocultural e funcional (cf. BROWN; LEVINSON, 1987; KOCH, 2008; BRIZ, 2004; CUNHA; SILVA, 2019). Para a parte final, apoio a discussão na Metodologia Experimental (cf. DERWING; DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE; SPROUSE, 2013; KENEDY, 2015), relacionando-a às discussões do valor social assumido pelas variantes.

## 1. Definição e contextualização do objeto de estudo com algumas reflexões teóricas

Para iniciar, resgato brevemente a origem do fenômeno com a figura 1. Neste esquema sintetizo a formação do sistema de tratamento no plano da formalidade e da informalidade.

Figura 1 – Etapas evolutivas do tratamento formal e informal de 2P na posição de sujeito em português.

Etapas	I	II	III	IV
Séculos	Até XIV/XV	XV – XVIII/XIX	Fim do XIX ao XX	XX – XXI
Intimidade [-formal] (T)	(T)u →	(T)u →	(T)u →	(T)u <b>Você (PB)</b>
Cortesia [+formal] (V)	(V)ós →	<u>(V)ós</u> <i>Vossa Mercê</i> →	<i>Você</i>	<b>Você (PE)</b> O/A Senhor(a)

Fonte: Elaboração própria.

Assim como outras línguas românicas, o português herda do latim vulgar um sistema com duas formas de tratamento para a 2ª pessoa do singular: o pronome *tu* para o plano de informalidade e *vós* para o plano da formalidade (*T* e *V* de acordo com Brown e Gilman 1960), como se vê no **estágio I**. Essas formas diferenciavam-se em termos pragmáticos: (T) em contextos mais informais entre iguais e em relações de superior para inferior, e (V) como um tratamento de formalidade.

Com a extensão de uso de *vós* a estratos menos privilegiados da sociedade e seu consequente *bleaching* pragmático, o sistema se torna mais complexo no final do período medieval, com a entrada de *Vossa Mercê* nos terrenos da formalidade: **estágio II**. A gênese de *Vossa Mercê* pressupõe, assim, um processo de gramaticalização em que um sintagma nominal – portanto uma forma de 3ª pessoa – é reanalisada como de 2ª pessoa (MARCOTULIO, 2015).

Semelhantemente ao que ocorreu com *vós*, *Vossa Mercê* também se generalizou. Além da erosão fonética (*Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você*) e do “desbotamento” semântico, a alta frequência desgastou o propósito comunicativo de deferência. Nesse processo de gramaticalização, construções lexicais (possessivo + nome abstrato) perdem algumas propriedades originais e assumem outras, ou seja, se decategorizam nos termos de Hopper (1991). Como um processo gradual, sempre há persistências semânticas e até formais (manutenção do caráter indireto e conservação do paradigma de terceira pessoa típica dos nomes). A partir do século XVII já se registram ocorrências da forma *você*

(FARACO, 1996<sup>2</sup>; MARCOTULIO, 2015), evidenciando o desgaste fonético de *Vossa Mercê*. Em termos pragmáticos, entretanto, *você* mantém-se, até o XIX aproximadamente, como um tratamento (V) e acaba por ocupar o lugar de *vós* (já arcaizante desde o século XVIII (CINTRA, 1972; FARACO 1996), **estágio III**. O inovador *você*, entretanto, apresenta um comportamento *polifuncional*, uma vez que transitava por espaços discursivo-pragmáticos distintos e típicos de formas híbridas em processo de mudança. Era um tratamento veiculado pela elite com algum traço de distanciamento, como nas cartas do Imperador D. Pedro II a Condessa Barral (SOTO, 2007) que também circula como variante pronominal de *tu* íntimo como ocorre nas cartas da avó Bárbara para se referir aos netos, em (1), e criada, em (2):

- (1) Estimei muito as boas noticias que tive que **voce** está muito estudiozo e que Ø está muito adiantado. Continue para nos dar muito gostos e a sua Mae aquem Ø **abraçarás** por mim!  
(Carta de Bárbara Ottoni ao neto, século XIX, *in* LOPES; MACHADO, 2005, p. 251).
- (2) Tenho uma criada que dice que sabia fazer tudo que eu mandace ella fazer: emtaõ perguntei e Paõ doce **você** sabe fazer sei.  
(Carta de Bárbara Ottoni ao neto, século XIX, *in* LOPES; MACHADO, 2005, p. 217)

Por hipótese, a aparente contradição pode advir da origem e do processo de mudança de *Vossa Mercê* > *você*. Na medida em que se tornou gradativamente divergente do tratamento-fonte, *você* passou a concorrer com o solidário *tu* nos mesmos contextos funcionais. Do “tratamento nominal abstrato”, como discutido em Koch (2008, p. 59) para o castelhano, teria herdado o caráter indireto e atenuante, por isso seria menos invasivo, menos “ameaçante ao interlocutor”. Para Koch (2008), certos atos diretivos, como um pedido, ordem seriam atitudes ameaçantes, já que pressupõem uma ação futura do ouvinte, logo uma intromissão no “território” do outro (GOFFMAN, 1967). As línguas apresentam procedimentos distintos de cortesia para evitar estas ameaças pragmáticas, como os tratamentos abstratos (*Vossa Mercê*, *Vossa Majestade*, etc) ou mesmo a pluralização (o emprego de *vós/vous* no lugar de *tu*). Nos dois casos a referência se dá a um grupo mais amplo, a uma entidade abstrata ou qualidade do interlocutor. As formas pronominais (*você/usted*) derivadas de (*Vossa Mercê/Vuestra Merced*) podem ter mantido algum valor de formalidade, distanciamento ou indiretividade da expressão primitiva.

---

<sup>2</sup> Republicado, em 2017, no v. 3, n. 2 da Revista *LaborHistórico*.

No último estágio (IV), o pronome *tu* continua a ser empregado no plano da intimidade, enquanto o novo pronome *você* assume distintos valores no PE, como defendem Guilherme e Bermejo (2015, p. 169). O redimensionamento de seu uso pode ter se dado com a entrada de formas nominais: *O Senhor/A Senhora*.

Assim, para Guilherme e Bermejo (2015, p. 169), o pronome *você* veicula valores pouco fixados entre os falantes do PE, sendo utilizado em relações bastante complexas:

- a) Nas relações de poder assimétricas-ascendentes, *você* está previsto, mas é considerado ofensivo;
- b) Em alguns grupos sociais elevados pode ser empregado como tratamento íntimo que não se igualaria ou substituiria o *tu* (FARIA, 2009);
- c) Nas relações entre iguais, é utilizado para manter deferência e aparentar neutralidade segundo a literatura, mas se trata de uma observação um tanto questionável, tanto que “é comum optarem-se por outras estratégias, nomeadamente, formas verbais de 3sg (sujeito nulo) ou grupos nominais”.

No trabalho recém-publicado por Bacelar, Mendes e Duarte (2018), também há referência ao fato de *você* ser usado como tratamento de respeito nas zonas rurais (p. 250). As autoras mencionam o seu uso como forma de intimidade entre familiares e pessoas conhecidas nas classes sociais altas e entre mais velhos dirigindo-se aos mais novos. Também citam a ampliação de uso entre as novas gerações e entre classes menos cultas. Tal emprego mais generalizado poderia estar associado à influência das novelas brasileiras.

Guilherme e Bermejo (2015, p. 169) afirmam textualmente: “Devido à interpretação ofensiva de *você* para falantes de PE (...) esta forma é frequentemente omitida, ocorrendo apenas a forma verbal na 3ª pessoa.” (p. 251). Ou seja, o emprego explícito de *você* no PE pode ser **avaliado negativamente, sendo pouco adequado a situações de distanciamento e quase inadmissível** em outras tantas (cf. DUARTE, 2010, p. 87-88).

Em síntese, o PE teria uma complexidade tratamental própria no plano da intimidade:

- (a) uso amplo de *tu* presente na desinência verbal em (3):
  - (3) Achei que **estavas** cansado.
- (b) emprego de formas nominais, incluindo prenomes como em (4-5):
  - (4) **A menina** quer sair?
  - (5) **A Joana** está cansada.

- (c) uso recorrente do verbo com desinência formal de 3ª pessoa com referência à segunda pessoa sem pronome explícito como em (6):

(6) **Chegou** atrasado de novo na escola<sup>3</sup>.

- (d) uso pouco frequente e marcado negativamente de *você* explícito em (7):

(7) **Você** quer sair?

No PB, por seu turno, o percurso de *você* toma um rumo completamente diferente. Na primeira metade do século XX, como uma gramaticalização mais acelerada, observamos o deslocamento de *você* para os terrenos da informalidade (RUMEU, 2013). A perda da oposição pragmática *T/V* começa a transparecer nos documentos brasileiros do século XX, nos quais coexistem as formas *tu* e *você* em contextos de intimidade (SOUZA, 2012). No PB atual, o emprego de *você* é, por sua neutralidade, amplamente aceito e reconhecido pelos seus falantes nas diferentes relações interpessoais e regiões. *Tu* e *você* seriam variantes de intimidade (**estágio IV**). Essa situação, entretanto, não é exatamente igual em todo o Brasil. *Você* apresenta valores mais ou menos íntimos a depender realmente da presença de *tu*, que nem sempre é usado em todas as regiões brasileiras, como ilustra a figura 2 extraída de Scherre et al. (2015). Do mesmo modo, no PB, também há grande complexidade na formação do sistema pronominal de 2SG que está calcada em outros moldes:

- (e) presença/ausência da desinência verbal canônica de segunda pessoa como em (8-9):

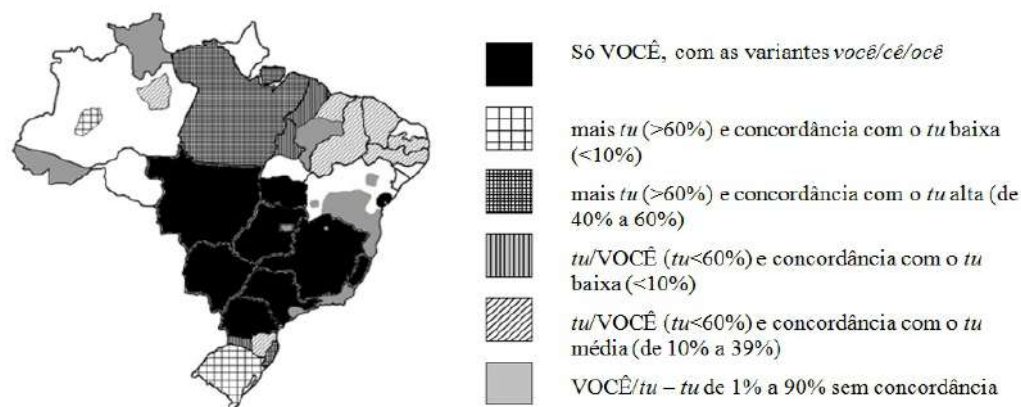
(8) Achei que **tu estavas** cansado.

(9) Achei que (**tu**) **estava** cansado.

- (f) valor social das formas variantes em cada região brasileira e sua distribuição a partir de distintos sistemas. Scherre et al. (2015) identificam em termos diatópicos, seis sistemas de tratamento no português do Brasil falado com base na presença, ou não, da concordância verbal canônica<sup>4</sup> estabelecida entre o pronome sujeito e o verbo (*tu falas* vs. *tu fala*) como mostra a figura 2:

<sup>3</sup> Aqui o sujeito seria *você* no PB ou o prenome no PE.

<sup>4</sup> Para facilitar a descrição comparativa entre PE e PB e pela falta de terminologia adequada, estamos nos referindo à presença de concordância verbal entre o pronome *tu* e o verbo quando as marcas desinenciais de segunda pessoa estão presentes. A ausência das desinências canônicas, mencionadas na nota anterior, está sendo considerada como ausência de concordância verbal. Neste último caso, podemos também usar a denominação de verbo na 3ª pessoa (3SG) apenas para facilitar e uniformizar terminologicamente o texto.

Figura 2 – Seis sistemas dos pronomes de segunda pessoa *você* e *tu* no português brasileiro.

Fonte: Scherre *et al.* (2015, p. 142).

Na tentativa de neutralizar o efeito da concordância, propus uma redução de seis para três subsistemas na posição de sujeito (cf. RUMEU, 2008; LOPES; CAVALCANTE, 2011, LOPES *et al.*, 2012):

(I) Falantes que empregam exclusivamente *tu*:

(10) Achei que **tu** estava cansado.

(11) Achei que (**tu**) estavas cansado.

(II) Falantes que empregam exclusivamente *você*:

(12) Achei que **você** estava cansado.

(III) Falantes que empregam *você* e *tu* em variação:

(13) **Tu** não deve(s) pensar em bobagens, **você** sabe que eu gosto de você.

Assim, tendo em vista esse preâmbulo, algumas questões precisam ser respondidas:

1. Os sistemas de tratamento do PE e do PB evoluíram da mesma forma nos dois territórios? Em que etapas?
2. Se o pronome *você* aportou no Brasil com os portugueses e era utilizado pela elite brasileira do século XIX como forma de prestígio, por que passou a ser no PE marcado como pejorativo ou indelicado (FARIA, 2009; CARREIRA, 2002)?
3. Há divergências ou convergências entre o uso de *tu* e *você* no PE e PB do século XIX em diante?



4. Que mudanças gramaticais estariam associadas?
5. A *extensão* da mudança (difusão de *você*) na *comunidade* brasileira em termos diatópico–diacrônicos ocorreu em um mesmo ritmo?
  - a. que determinou o espriamento de *você* para contextos antes típicos de *tu* no RJ?
6. As variantes *tu* e *você* sempre apresentaram os mesmos valores sociopragmáticos? Que valores assumem atualmente no PE e no PB?

Para responder tais questões, proponho:

1. Apresentar a distribuição das formas de 2ª pessoa *tu* e *você* na posição de sujeito no PE e no PB com base em peças e depois em cartas para verificar a difusão diatópico–diacrônica.
2. Mostrar o espriamento dos contextos de uso de *você* no Rio de Janeiro a partir de um *corpus* de cartas produzidas ao longo do século XX.
3. Analisar comparativamente os resultados de experimentos de percepção, contrastando a avaliação que é feita das duas formas em Lisboa e no Rio de Janeiro.

## 2. Resultados contrastivos com base em peças teatrais (séculos XIX e XX)

Para dar conta das questões (1–3), retorno ao século XIX, já que *você* não apresentava diferenças relevantes entre PE e PB. De lá para cá, tentarei acompanhar qual o caminho trilhado em cada localidade. Recupero o estudo de Machado (2011) em que se fez uma análise contrastiva das estratégias de referência ao interlocutor utilizadas em peças teatrais brasileiras e portuguesas. São mais de 100 anos: do início do século XIX até o fim do século XX. Foram 29 comédias de costumes, produzidas e ambientadas em Lisboa de 1819 a 1995 e no Rio de Janeiro de 1846 a 2003 como listados nos quadros 1 e 2 a seguir:

Quadro 1 - Amostra de peças portuguesas analisada por Machado (2011).

<i>Peça</i>	<i>Autor</i>	<i>Data</i>
AS ASTÚCIAS DE ZANZINGARRA	Ricardo José Fortuna	1819
O BEATO ARDILOSO	José Joaquim Bordalo	1825
UMA CENA DE NOSSOS DIAS	Pedro Luziense de Bittencourt Calasãs	1843
<i>SIMILIA SIMILIBUS</i>	Júlio Dinis	1858
O FERRO VELHO	P.C. D'Alcantara Chaves	1866
QUEM DESDENHA...	Manuel Joaquim Pinheiro Chagas	1874
FIM DE PENITÊNCIA	Marcelino António da Silva Mesquita	1895
O TIO PEDRO	Marcelino António da Silva Mesquita	1902

ZILDA	Alfredo Cortez	1921
VIVA DA COSTA	Vasco Mendonça Alves	1925
TRÊS GERAÇÕES	Ramada Curto	1931
A PRIMA TANÇA	Alice Ogando	1934
É URGENTE O AMOR	Luiz Francisco Rebello	1956
O HOMEM DO QUISQUE	Tomaz de Figueiredo	1958
OS OUTROS	Jaime Salazar Sampaio	1965
ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA	Jorge Silva Melo	1995

Fonte: Machado (2011, p. 94).

Quadro 2 - Amostra de peças brasileiras analisada por Machado (2011).

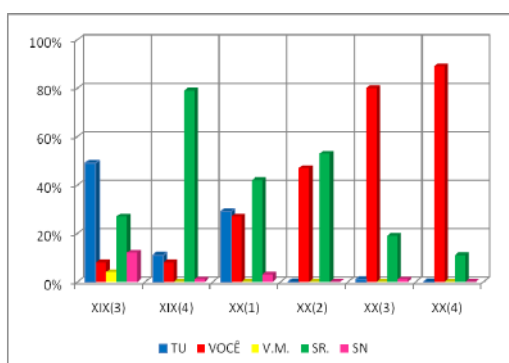
<i>Peça</i>	<i>Autor</i>	<i>Data</i>
OS CIÚMES DE UM PEDESTRE	Martins Pena	1846
O DEMÔNIO FAMILIAR	José de Alencar	1857
AMOR COM AMOR SE PAGA	França Júnior	1870
O DEFEITO DE FAMÍLIA	França Júnior	1870
NÃO CONSULTE MÉDICO	Machado de Assis	1896
QUEBRANTO	Coelho Neto	1908
O SIMPÁTICO JEREMIAS	Gastão Tojeiro	1918
O HÓSPEDE DO QUARTO Nº 2	Armando Gonzaga	1937
DONA XEPA	Pedro Bloch	1952
TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA	Gláucio Gill	1962
O GENRO QUE ERA NORA	Aurimar Rocha	1972
COMUNHÃO DE BENS	Alcione Araújo	1980
INTENSA MAGIA	Maria Adelaide Amaral	1995
SÍNDROMES	Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella	2003

Fonte: Machado (2011, p. 87).

Machado (2011) levantou um total 13.805 dados das diversas formas relativas aos paradigmas de *tu* e de *você* em todas as funções gramaticais. Com relação às formas na função de sujeito, a autora obteve 4070 ocorrências na amostra brasileira e 2976 na amostra portuguesa. Nesse cômputo não estão incluídos os dados das formas imperativas que mereceram uma análise a parte. Selecionei do estudo alguns resultados para os propósitos que pretendo discutir: i) a distribuição cronológica das estratégias na posição de sujeito nos dois conjuntos de dados; ii) as taxas de uso de *você* e *tu*; iii) a frequência do preenchimento do sujeito no PB, diferentemente do que ocorre no PE.

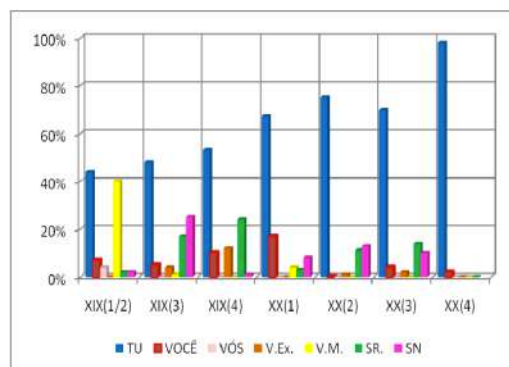
Os gráficos a seguir, extraídos de Machado (2011), apresentam a distribuição geral das formas de referência ao interlocutor na função de sujeito.

**Figura 3** – A distribuição das formas de referência ao interlocutor na função de sujeito na amostra brasileira.



Fonte: Machado (2011, p. 122).

**Figura 4** – A distribuição das formas de referência ao interlocutor na função de sujeito na amostra portuguesa.



Fonte: Machado (2011, p. 127).

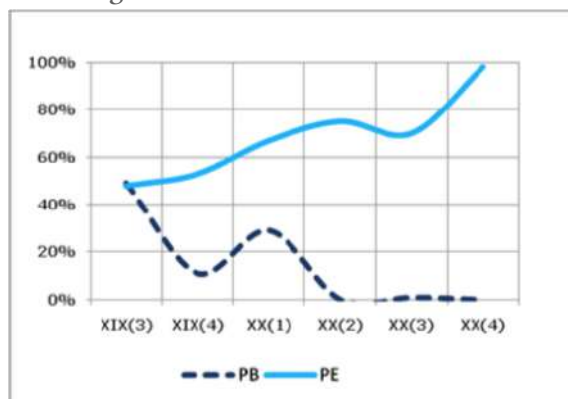
A autora agrupou os dados por quartos de séculos e não há uma correspondência exata nas duas amostras, mas algumas aproximações<sup>5</sup>.

Na amostra brasileira, figura 3, notamos uma diversidade de formas com a presença inclusive de *Vossa Mercê* (coluna amarelo) na fase mais recuada (XIX – 3). A partir do século XX, a única estratégia de base nominal que se mantém é *o/a senhor(a)* (coluna verde). O pronome *tu* (coluna azul) aparece no *corpus* praticamente no século XIX. A partir do século XX, as formas variantes são *você* e *o senhor*. Nota-se o crescimento de *você*, principalmente, na segunda metade do século XX.

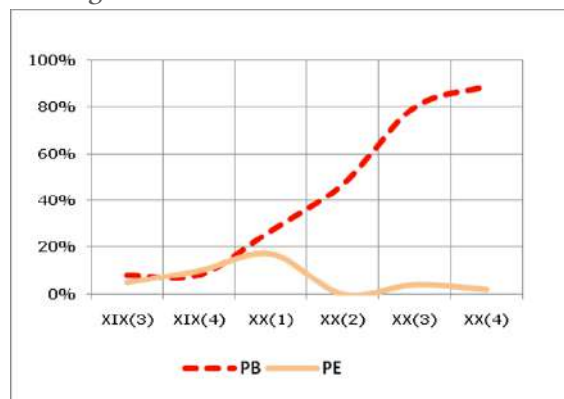
A figura 4 relativa às peças portuguesas mostra uma distribuição diferenciada em relação à figura 3. Em termos dos tratamentos de base nominal, Machado (2011) identificou seis estratégias no século XIX. Tal diversidade diminui bastante em fins do século seguinte. Quanto ao uso de *você* e *tu*, o pronome sujeito *tu* é preponderante nos dois séculos controlados, ao passo que a presença de *você* é bastante incipiente.

Se eliminarmos as outras estratégias, as diferenças ficam bem nítidas com um uso praticamente constante de *tu* no PE, como ilustrado na figura 5, e um crescimento gradativo de *você* no PB, figura 6 a seguir:

<sup>5</sup> Assim, na amostra brasileira, os períodos de 1846 e 1870 correspondem XIX (3), uma peça de 1896 correspondeu ao XIX (4), as obras de 1908 e 1918 estão agrupadas em XX(1), as de 1937 e 1952, em XX(2), as de 1962 e 1972, em XX(3), e as de 1980, 1995 e 2003, em XX(4). Na amostra portuguesa, há a fase XIX (1/2) que reúne peças de 1819 e 1825; a fase XIX (3) engloba as peças de 1858 e 1866; a fase XIX (4) reúne as peças de 1874 e 1895; XX (1), as peças de 1902, 1921 e 1925; XX (2), as peças de 1931 e 1934; XX (3), as peças de 1956, 1958 e 1965; e, por fim, XX (4), a peça de 1995.

Figura 5 – Uso de *tu* no PB e no PE.

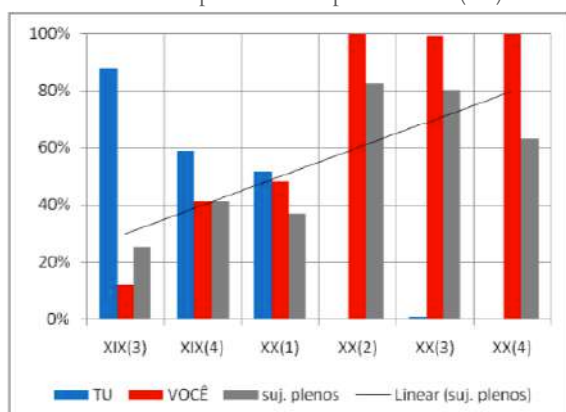
Fonte: Machado (2011, p. 129).

Figura 6 – Uso de *você* no PB e no PE.

Fonte: Machado (2011, p. 130).

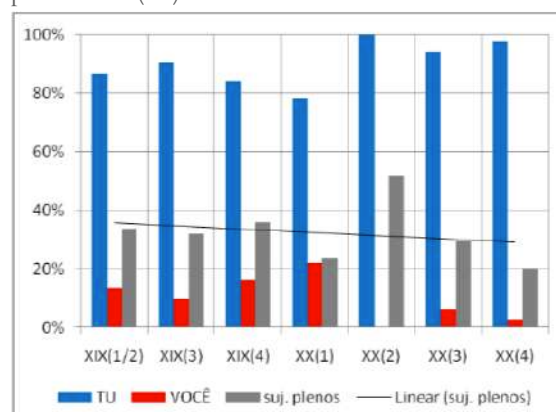
As figuras 7 e 8, também extraídas de Machado (2011), estabelecem um contraponto das formas *tu* e *você* com os índices do preenchimento do sujeito nas duas amostras:

Figura 7 – Formas pronominais na função de sujeito e o total de formas pronominais preenchidas (PB)



Fonte: Machado (2011, p. 145).

Figura 8: Formas pronominais na função de sujeito e o total de formas pronominais preenchidas (PE)



Fonte: Machado (2011, p. 145).

Na figura 7 do PB, Machado consegue mostrar que o aumento de *você* ao longo do século XX é acompanhado pelo aumento dos índices relativos ao sujeito pleno. A autora afirma: “a partir da obra de 1937, os índices de preenchimento do sujeito estão sempre acima dos 50%, chegando a alcançar, em algumas peças, números próximos a 85%” (MACHADO, 2011, p. 146).

Para o PE, figura 8, os resultados mostram grande estabilidade no emprego de *tu* ao longo do período analisado. Os percentuais de *tu* ficam em torno de 80% praticamente em todas as fases. Os índices relativos aos sujeitos preenchidos se mostraram bastante estáveis ao longo do tempo no PE com frequências baixas (em torno dos 35%). A linha de tendências, por sua horizontalidade, confirma que não houve uma mudança de comportamento ao longo do tempo nessas peças teatrais

portuguesas, diferentemente do PB em que a difusão de *você* tem uma ascensão abrupta, configurando um processo de mudança.

Em suma, a análise de peças teatrais exhibe um painel geral da emergência de *você* no PB, o que permitiu identificar um maior inovadorismo tanto na configuração do sistema pronominal de segunda pessoa quanto no avanço gradual no parâmetro do preenchimento do sujeito. O PE não apresentou fortes alterações ao longo do século XX com a manutenção do tratamento íntimo *tu* como sujeito nulo e um uso incipiente de *você*. Mas, se retomarmos as palavras iniciais de Conde Silvestre (2007), seria necessário responder: essa mudança se *estendeu* pela *comunidade* brasileira em um mesmo ritmo? Como afetou o *conjunto de falantes*? Do geral para o específico, pretendo, na próxima seção, responder à questão 5, a partir da descrição dos resultados do PB obtidos a partir de cartas produzidas nas duas regiões mais populosas do Brasil ao longo de 100 anos.

### 3. Difusão de *você* no Brasil: análise de cartas pessoais brasileiras (séculos XIX e XX)

Os estudos parciais publicados no volume 4 da *Coleção História do Português Brasileiro* (LOPES *et al.*, 2018) reitera o que fora observado por Machado (2011) para o PB, apresentando os progressos da mudança pelo território ao longo de mais de 100 anos. Uma vasta equipe de pesquisadores, utilizando a mesma metodologia, realizou uma descrição do fenômeno com base no *corpus* de cartas pessoais do Projeto Nacional PHPB – *Para a História do Português Brasileiro*.

Foram analisadas 1332 cartas pessoais escritas por pessoas de diferentes famílias ilustres e não ilustres. Embora a distribuição não seja completamente equilibrada, a amostra permitiu traçar um perfil bastante amplo da comunidade estudada. Para facilitar a descrição, separei os resultados pelas regiões: a sudeste e nordeste.

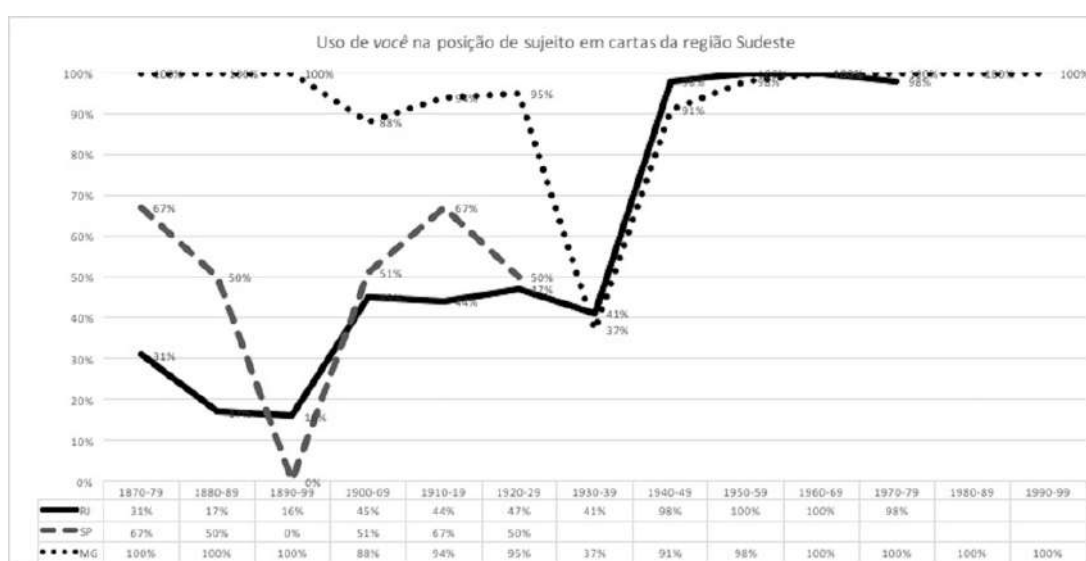
#### 3.1 *Você* e *tu* na posição de sujeito em cartas dos séculos XIX–XX: Região Sudeste

Do presente para entender o passado, como propõe Labov (1994), reitero que a região sudeste não apresenta um comportamento homogêneo no que se refere aos subsistemas de tratamento. No Rio de Janeiro, área mais litorânea, por exemplo, temos atualmente um subsistema misto (*você~tu*) (PAREDES, 1996; SANTOS, 2012). Por outro lado, há o predomínio quase absoluto de *você* e

variantes (*ocê, cé*, etc) em São Paulo e Minas Gerais (SCHERRE *et al.*, 2015; PERES, 2006, p. 131; MOTA, 2008).

Os estudos de Lopes e Souza (2018), Rumeu, Cruz e Cardoso (2018) e Balsalobre e Monte (2017) circunscritos, respectivamente, a residentes Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, mostraram que a presença das duas formas variantes é bastante antiga. Verifica-se nitidamente remetentes empregando para seu destinatário, em uma mesma carta, somente *você*, somente *tu* ou as duas formas em variação desde o século XIX. A figura 9 reúne os resultados dessas três localidades da região sudeste:

Figura 9 - *Você* e *Tu* na posição de sujeito: região sudeste.



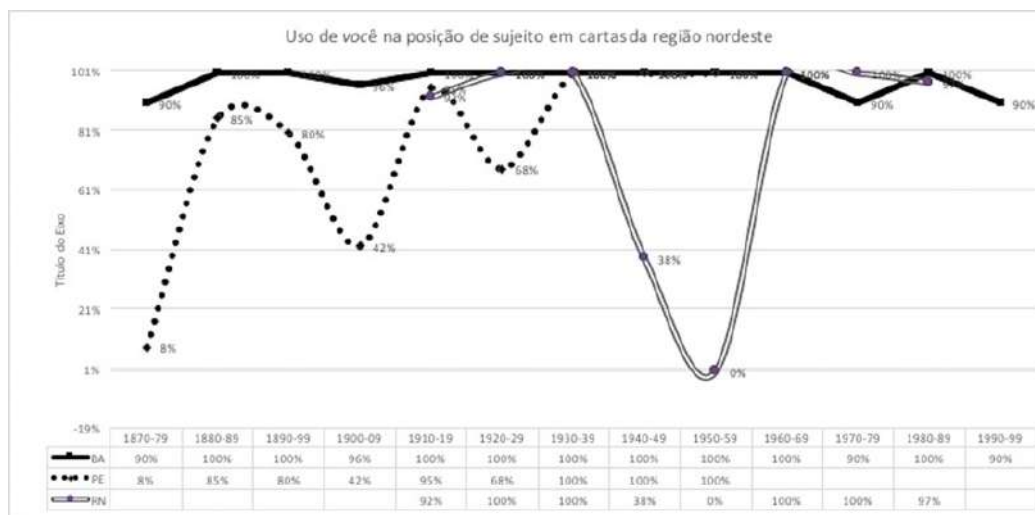
Fonte: Elaboração própria.

Dos fins do século XIX (1870-79) até meados do século XX – aproximadamente 1940 – o emprego de *tu* e *você* nas cartas do Rio de Janeiro e de São Paulo era equivalente distanciando-se do observado nas missivas de Minas Gerais. Enquanto no RJ e em SP, o tratamento *você* era bastante desfavorecido – mais no Rio de Janeiro do que em São Paulo – as cartas de Minas Gerais indicam um uso de *você* quase exclusivo com índices próximos de 100%. O ponto de maior variação dá-se entre os anos de 1930-40 em que as curvas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais se sobrepõem com uma baixa frequência de *você* nas duas localidades. A partir daí há uma ascensão de *você* nas duas localidades atingindo quase 100%.

### 3.2 *Você* e *tu* na posição de sujeito em cartas dos séculos XIX-XX: Região Nordeste

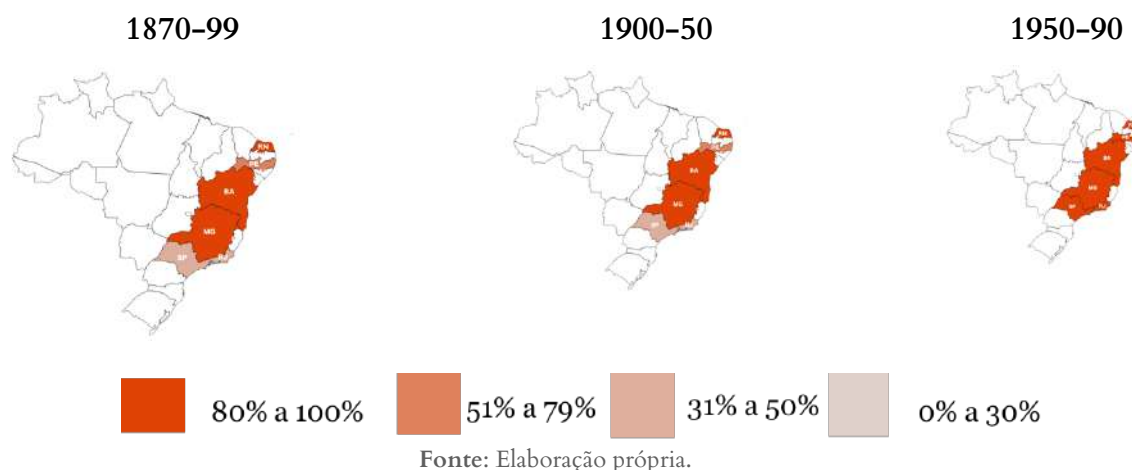
A região nordeste também é bastante complexa com variação entre *você* e *tu* na maior parte dos estados. Também aqui há áreas com uso predominante de *você*, como é o caso da capital da Bahia (Salvador). No restante desse estado e nos outros analisados (Pernambuco e Rio Grande do Norte) o subsistema é misto: *você-tu* (cf. LUCCHESI *et al*, 2009, p. 83-95; ALMEIDA, 2012; SANTANA, 2009; AMOR DIVINO, 2008; COSTA *et al*, 2007; SETTE, 1980, p. 148-168; COELHO DA SILVA, 2015; COSTA; GOMES; SILVA, 2018; ATAÍDE; LIMA, 2018). Os resultados da figura 10 foram extraídos dos estudos de Andrade, Oliveira e Carneiro (2018); Gomes e Lopes (2016) e Moura e Martins (2018):

Figura 10 - *Você* e *Tu* na posição de sujeito: região nordeste.



Fonte: elaboração própria.

As curvas que sinalizam a difusão de *você* no Nordeste mostram um espriamento do novo pronome a partir, principalmente, da segunda metade do século XX. O comportamento das três localidades nordestinas também não é o mesmo, com forte variação entre *tu* e *você*, em Pernambuco, e estabilidade nas cartas da Bahia. Os resultados do Rio Grande do Norte são praticamente do século XX e se nota uma descendência abrupta e pontual na década de 1950. Nas cartas do Nordeste houve maior estabilidade no uso de *você* ao longo do período analisado. Os mapas da figura 11 sintetizam os resultados em três momentos do tempo:

Figura 11 – Panorama do espriamento de *você* nas regiões sudeste e nordeste a partir da análise de cartas brasileiras.

Em síntese, nas amostras de cartas das duas regiões, houve uma perda gradativa do pronome *tu* em proveito da nova forma gramaticalizada *você*, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. As taxas de frequência, no entanto, apresentaram uma produtividade distinta em termos regionais. A difusão de *você* foi paulatinamente ocorrendo com maior ou menor velocidade de uma região para outra.

#### 4. Contextos que favoreceram a difusão de *você*: cartas do Rio de Janeiro

##### 4.1 – Identificação de fases no processo de mudança

Até agora illustrei a propagação da mudança no tempo e no espaço. A ideia é compreender os contextos de disseminação do tratamento de formalidade que passa a ocupar os espaços da informalidade. Para tanto, mostrarei alguns resultados relativos (i) às relações de poder e solidariedade e (ii) aos graus de parentesco no Rio de Janeiro para responder à questão 6.

Os resultados são de Souza (2012), Lopes e Souza (2018) e Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018). A análise está calcada em dados de 366 cartas escritas entre 1870 e 1979 por pessoas pertencentes a diferentes grupos familiares como mostra o quadro 3:

Quadro 3 – Amostras analisadas por Souza (2012) com indicação do período e relações sociais.

NOME DA AMOSTRA	PERÍODO	RELAÇÕES SOCIAIS
Família Land Avellar	1900-1910	mãe→filho, pai→filho, filho→mãe, filho→pai, irmão→irmã/irmãos
Família Pedreira	1870-1940	mãe→filho, pai→filho, filho→mãe, filho→pai, irmão→irmã, irmã→irmão/irmãos/irmãs, freira→madre, avô→neta, sobrinha→tia, tia→sobrinha(o) e esposo→esposa
Família Cupertino	1870-1890	prima→primo, esposo→esposa, mãe→filho, amigos/pai→filha
Família Penna	1890-1920	mãe→filho, esposa→esposo, tio/a→sobrinho, irmã→irmão, filha→pai

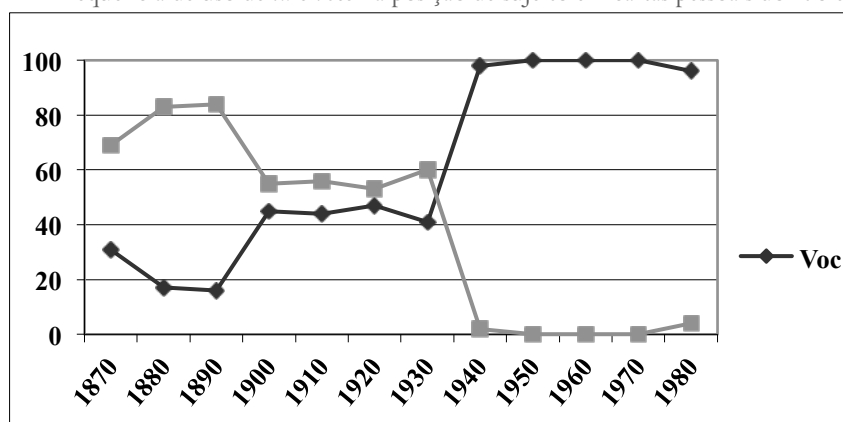


Família Passos	1880-1900	esposo→esposa, avô→neta
Família Cruz	1880-1920	noivo→noiva, esposo→esposa, esposa→esposo, pai→filha, filha→pai, amigos
Avós Ottoni	1870-1880	avô→netos, avó→netos
Casal dos anos 1930	1930	noivo→noiva, noiva→noivo
Família Brandão	1930-1970	primo(a) → primo(a) e entre amigos
Família Lacerda	1970	amigos/namorados

Fonte: Adaptado de Souza (2012). Extraído de Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018, p. 34).

Foram obtidos 1525 dados de pronomes pessoais com referência à 2SG em posição de sujeito para todo o período. Destes, 763 dados são do inovador *você* e 762 de *tu* (sujeito pleno ou nulo). A distribuição da frequência de uso ao longo do tempo é bastante irregular, conforme ilustra a figura 12:

Figura 12 - Frequência de uso de *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais do Rio de Janeiro.



Fonte: Adaptado de Souza (2012, p. 90). Extraído de Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018, p. 35).

A análise da figura 12 nos faz perceber três momentos no percurso da mudança;

- 1870-1899: predomínio de *tu* sobre *você*;
- 1900-1939: variação entre *tu* e *você*;
- 1940-1979: predomínio de *você* sobre *tu*.

Souza (2012) mostra que os valores das formas variantes e as próprias relações sociais sofreram modificações.

Na fase I (1870-1899), *tu* e *você* não eram, necessariamente, formas variantes, uma vez que a primeira era empregada nas relações mais íntimas, e a segunda ainda resguardava traços de distanciamento como estratégia de atenuação, a favor da polidez linguística: menos invasivo à interação (BROWN; LEVINSON 1987). Em (14), o emprego de *você* atenua um pedido e em (15), aparece em discurso reportado:

- (14) **Você** va pedindo a mamãe que lhe ensine a ler e escrever para com o tempo sustentarmos uã grande correspondência.  
(Carta de avô para neta da Família Pedreira, século XIX, *in* Lopes et al, 2018, p.51)
- (15) aqui se falla *muíto* que **Você está** ganhando dinheiro como advogado, que **hé** *muíto* procurado, que **tens** conferencias com os homens mais notaveis, qe **hé**(?) *muíto* consultado sobre negocios do Brasil enfim que **tens** brilhante posição, nada disto me admira.  
(Carta entre amigos para Rui Barbosa, século XIX, *in* Lopes et al, 2018, p.51)

O pronome *tu*, por sua vez, era mais recorrente nas relações mais íntimas entre casais (16):

- (16) *tu* resolverás como entenderes, meu querido anjo, e, eu cegamente cumprirei o que *tu* ordenares.  
(Carta entre noivos da Família Cruz, século XIX, *in* Lopes et al, 2018, p.51)

Na fase II (1900–1939), contudo, a forma *você* começa a ocorrer nos mesmos ambientes de *tu*, em contextos mais informais e íntimos, em (17):

- (17) Pode *você* bem calcular o vasio infinito que se fez na minha vida.  
(Carta entre amigos, Família Brandão, século XX, *in* Lopes et al, 2018, p.51)

A fase II mostra o momento crucial da disputa entre as duas estratégias. Uma hipótese para tal percurso deve calcar-se no quadro social que se delineou ao longo do século XX em grandes cidades brasileiras, o Rio de Janeiro. As formas de 2SG acompanharam as mudanças nas relações sociais. Com a modernização e a industrialização dos principais centros urbanos do Brasil, a partir da década de 1930, surge um novo grupo social: a burguesia industrial (BORIS, 1997). As alterações advindas da crise econômica do setor agroexportador do café e a consolidação econômica baseada na indústria afetaram as relações sociais e, conseqüentemente, as formas utilizadas no tratamento. Os anos 1930 representam um divisor de águas no Brasil, marcado pela expansão de novas camadas sociais e da mobilidade na estrutura de classes. Tal mudança foi motivada também pela ampliação do mercado de trabalho e do mercado consumidor, principalmente na capital do país. Foi um período propício às mudanças no âmbito sociolinguístico do tratamento na esfera familiar, pessoal e interpessoal. Por essa razão, as formas de tratamento tornaram-se mais instáveis no período. A reestruturação dos papéis sociais propiciou o emprego de um tratamento menos marcado, o que favoreceu a crescente neutralização semântica do *você* e sua maior frequência de uso.

Na fase III (1940-1979), o uso de *você* suplantou o de *tu*, espalhando-se pelos seus contextos de uso. O *você*, mais neutro, tornou-se uma estratégia “coringa” para os novos papéis sociais, em uma cidade cosmopolita como o Rio de Janeiro:

- (18) Acabei de chegar do samba e ao subir me entregaram sua carta que em poucas linhas disse muitas coisas bonitas coisas que *você* sabe que sinto mas que não consigo passar para o papel.  
(Carta entre noivos da Família Lacerda, século XX, in Lopes et al, 2018, p.53)

## 4.2 Condicionadores da mudança: a pluralidade de relações sociais

Como discutido em Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018, p. 22-44) e Lopes *et al* (2018), o controle dos tipos de relações sociais baseou-se no modelo de Brown e Gilman (1960), revisitado por Briz (2004) entre outros: a oposição entre *poder* e *solidariedade*. A *solidariedade* se refere à *proximidade* e *simetria* entre os interlocutores, negociadas e construídas na interação, independentemente do estatuto social. Vários fatores sociopragmáticos definem as interações de proximidade como sintetiza o quadro 4: o maior grau de compartilhamento de experiências entre os interlocutores, o maior grau de contato físico e de compromisso afetivo. As relações assimétricas são marcadas pelo *poder*, relações verticais, diferenciáveis ou não-recíprocas (diferentes faixas etárias, gênero ou posições hierarquias institucionais):

Quadro 4 - Propriedades que distinguem relações simétricas das assimétricas.

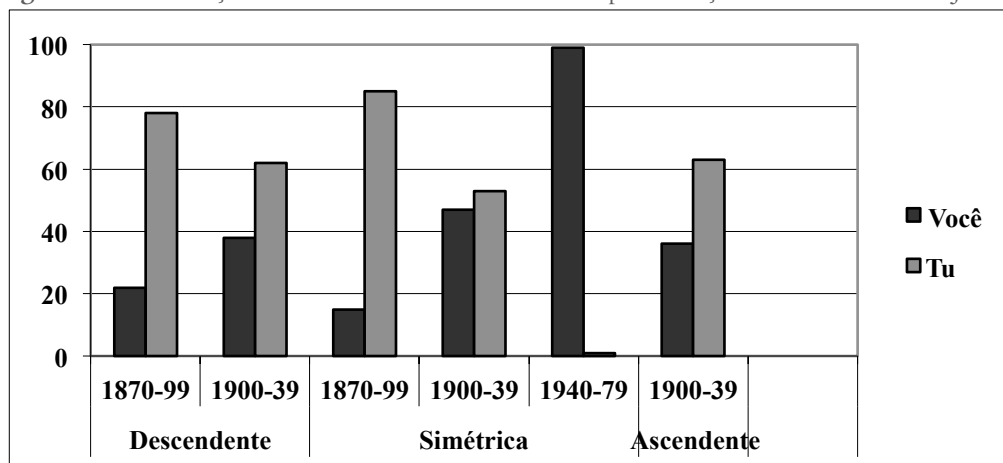
Simétrica	Assimétrica
+ Proximidade	- Proximidade
+ Vivências comuns	- Vivências comuns
+ Saber compartilhado	- Saber compartilhado
+ Contato	- Contato
+ Compromisso afetivo	- Compromisso afetivo
+ Identidade grupal	- Identidade grupal

Fonte: Elaboração própria (inspirada em Briz, 2004).

A hipótese é a de que o pronome *você* predominaria em relações assimétricas ascendentes (inferior para superior) por herança do tratamento original. Nas relações simétricas (horizontais e recíprocas), haveria maior variação *você/tu* a depender da época analisada. Já nas relações assimétricas

descendentes (superior-inferior), *tu* seria esperado por quem detém maior poder. As sociedades contemporâneas, entretanto, estariam substituindo o eixo do poder pelo da solidariedade com aumento do tratamento simétrico e solidário. A figura 12, retirada de Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018, p. 37) mostra os resultados:

Figura 12 - Distribuição das formas *tu* e *você* nas três fases: tipo de relação em cartas do Rio de Janeiro.



Fonte: Extraído de Lopes, Marcotulio e Oliveira, (2018, p. 37).

Nas relações descendentes (superior-inferior), fases I e II, as taxas de *você* aumentam (de 22% para 38%), embora o emprego de *tu* fosse alto, confirmando a hipótese. Nas relações simétricas, fica nítida a difusão gradativa de *você* de uma fase para outra: 15% na fase I, 47% na fase II e 99% na III. Nas relações ascendentes (inferior-superior), *você* era pouco produtivo no início do século (fase II) (36%).

Os graus de parentesco associados ao gênero do missivista também ajudam a entender o processo com as diferenças entre homens e mulheres. Vejamos os resultados da figura 13:

Figura 13 - Frequência forma *você* em relação à forma *tu*: graus de parentesco em relações assimétricas nas cartas do Rio de Janeiro por fase.

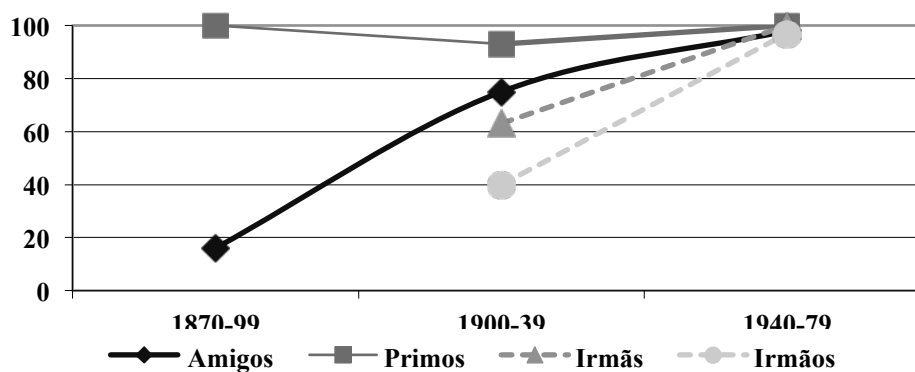
RELAÇÃO ASSIMÉTRICA	PARENTESCO	(I) 1870-99	(II) 1900-1939	(III) 1940-1979
Descendente (superior-inferior)	Pai-filho	8/69 12%	02/45 4%	--
	Mãe-filho	14/18 78%	42/85 50%	--
	Tia-sobrinho	04/06 67%	05/16 31%	--
	Avô-neto	11/74 15%	0/03 0%	--
Ascendente	Filho-pai	--	02/25 8%	---

(inferior- superior)	Filho-mãe	---	08/08 100%	---
	Sobrinho-tia	--	03/03 100%	--

Fonte: Extraído de Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018, p. 38).

Entre os homens, mesmo com assimetria, prevalecia o *tu*, ao passo que havia predomínio de *você* se a missivista for mulher (mãe-filho e tia-sobrinho), confirmando estudos (cf. SOTO, 2001; LOPES: MACHADO, 2005; RUMEU, 2008, 2013). Os resultados das relações simétricas confirmam tal postulação.

Figura 14 - Frequência de uso de *você* nas relações simétricas por fase em cartas do Rio de Janeiro.



Fonte: Extraído de Lopes, Marcotulio e Oliveira (2018, p. 40).

O aumento do *você* na figura 14 está relacionado à disseminação de seu uso nas relações igualitárias entre amigos, com mudança de comportamento de uma fase para outra. Nota-se a diferença entre homens e mulheres, comparando cartas trocadas entre irmãs e irmãos.

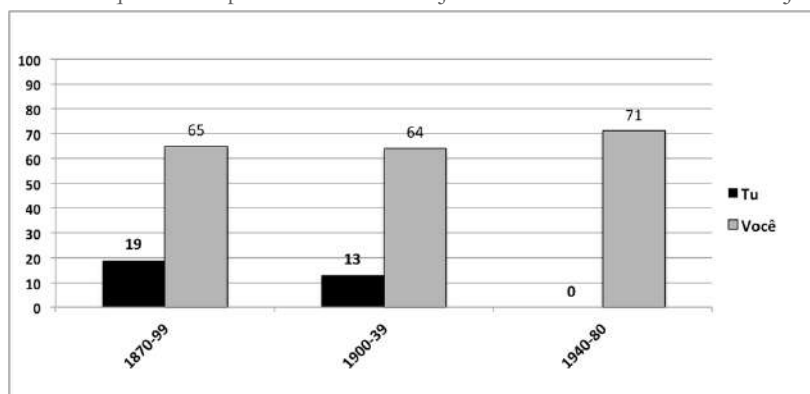
O preenchimento do sujeito dialoga com o que foi discutido por Machado (2011) e será retomando no tópico de avaliação: *você* como sujeito pleno (67%), ao lado de *tu* nulo (85%), figura 15:

Figura 15 - Distribuição geral do sujeito *você* e *tu* nas cartas do Rio de Janeiro (1870-1979).

Sujeito	Pleno	Nulo	Total
<b>Você</b>	509/763 67%	254/763 33%	<b>763</b>
<b>Tu</b>	118/762 15%	644/762 85%	<b>762</b>
<b>Total</b>	<b>627</b>	<b>898</b>	<b>1525</b>

Fonte: Extraído de Lopes *et al* (2018, p. 54).

A distribuição por fases está na figura 16:

Figura 16 – Frequência do preenchimento do sujeito *você* e *tu* em cartas do Rio de Janeiro.

Fonte: Extraído de Lopes *et al* (2018, p. 54).

*Você* como sujeito pleno com taxas expressivas: acima de 60%: 65%, 64% e 71%. O pronome *tu*, por outro lado, apresentou índices abaixo de 20% nos três períodos: 19%, 13% e 0%. Os resultados corroboram análises anteriores como é o caso de Duarte (1993) que verificou altos índices percentuais de sujeito nulo até 1950, considerando todas as pessoas gramaticais.

Interessante observar os dados 19 e 20 com dados de *tu* preenchido sem a marca desinencial de 2P em cartas de 1930. Com a ausência da desinência verbal original de 2P, coube aos pronomes *tu* e *você* a indicação da pessoa, já que o verbo não traz mais tal informação.

- (19) nunca peisei que **tu** memandace uma carta dessas.  
(Carta trocada entre noivos, século XX, in Lopes *et al*, 2018, p. 55)
- (20) só ati é que pertenço, **tú** é a dona do meu coração.  
(Carta trocada entre noivos, século XX, in Lopes *et al*, 2018, p. 55)

Em síntese, a generalização do *você* nos diferentes tipos de relação evidencia que seu caráter polifuncional – encontrado esporadicamente desde o século XIX – não se perdeu completamente, acompanhando as mudanças sociais ocorridas ao longo do século XX. Se as mulheres empregavam mais *você* do que *tu*, elas podem ter sido, por hipótese, juntamente com as amas que criavam seus filhos, as difusoras de *você* como forma pronominal de 2P.

## 5. Experimentos de percepção: contraste na avaliação das formas *tu* e *você* (Lisboa e Rio de Janeiro)

Neste último tópico, recupero alguns aspectos mencionados para explicar que as distinções de comportamento do PE e do PB para os sistemas de tratamento não seria apenas uma questão de frequência de uso. Por hipótese, a justificativa estaria relacionada às mudanças nas relações sociais e à

diferença das gramáticas do PB e do PE. O intuito, como afirmei, é confirmar que (i) os falantes do PE e do PB avaliam diferentemente as formas *tu* e *você* e (ii) a forma verbal de 3ª pessoa (sujeito nulo de 3ª pessoa) não é interpretada como *você* no PE.

Pretendo apresentar resultados de um experimento feito primeiramente no Rio de Janeiro e depois em Lisboa (LOPES; MOTA, no prelo). O primeiro está publicado em Oliveira, Lopes e Carvalho (2016) e o segundo ainda está em vias de publicação. Foram feitos dois testes de julgamento de aceitabilidade das formas *tu* e *você* na posição de sujeito com falantes do Rio de Janeiro e de Lisboa. O intuito era verificar a percepção dos participantes, tendo em vista a influência do tipo de relação interpessoal (simétrica ou assimétrica) nos parâmetros mostrados.

Está se levando em conta a questão da avaliação e da percepção. O *problema da avaliação* é uma importante propriedade para a análise dos processos de mudança linguística, por conta dos correlatos subjetivos das mudanças objetivas observadas direta ou indiretamente. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 [2006]). A *percepção* estaria mais relacionada à análise indireta do problema da *avaliação*, pois, como afirma Oushiro (2015, p. 32), se relaciona às inferências conscientes e inconscientes feitas pelos usuários ao ouvir outro falante.

## 5.1 – Como foi preparado o experimento?

A técnica experimental consistiu em apresentar aos participantes enunciados com as formas *tu* e *você* e pedir a eles que respondessem, através de uma escala de notas de 1 a 5 (escala *Likert*), o quão aceitáveis ou naturais seriam os enunciados em seu dialeto. Os participantes foram orientados a atribuir Nota 1 (a mais baixa) para as legendas consideradas muito ruins ou inadequadas em relação ao vídeo. A Nota 5 (a mais alta) seria atribuída às legendas consideradas muito boas ou adequadas. As Notas 2, 3 e 4 são intervalares entre os extremos da escala. Foi usado o programa *Psyscope* (COHEN; MACWHINNEY; PROVOST, 1993) para visualizar as cenas.

No experimento realizado no (Rio de Janeiro), foram controladas as seguintes variáveis independentes: o pronome de 2SG em si (*tu* ou *você*) e o tipo de relação social (simétrica e assimétrica). No experimento de Lisboa, foi introduzida ainda a variável padrão estrutural em que a forma ocorria, como mostrarei adiante. A partir dessas variáveis, têm-se quatro condições experimentais: *tu-simétrico*, *tu-assimétrico*, *você-simétrico*, *você-assimétrico*.

Foram 30 cenas selecionadas para o primeiro modelo de experimento aplicado em Lisboa, 20 com os pronomes (10 cenas para cada um). As formas de tratamento apareciam sempre na última legenda (exibida na cor vermelha). As outras 10 eram distratoras para despistar os participantes quanto ao fenômeno. Em (21) temos os diálogos criados para uma cena considerada como uma relação assimétrica. Em (22) temos outro diálogo para relações simétricas:

- (21) Homem 1: O que foi decidido na reunião?  
 Homem 2: Os empresários querem trinta mil. Ofereci-lhes vinte mil. Prometi pagar o restante depois. Desconfiaram... garanti-lhes que somos honestos.  
**Homem 1: Nós somos honestos, mas tu não.**  
 (Dois homens conversando em um escritório trajando terno e gravata)
- (22) Moça: Da escola!  
 Da escola elementar Castelo...Encantado.  
 Rapaz: É uma que tinha a parede toda rabiscada.  
 Moça: Fui eu que rabisquei.  
 Rapaz: O quê?  
 Moça: Eu que rabisquei...  
**E os rapazes, inclusive você, levaram com a culpa.**  
 (Dois jovens conversando em um ônibus)



## 5.2 - Resultados e discussão: cômputo geral das notas

Com 34 participantes dando nota às 20 legendas, obtivemos, 680 dados experimentais (340 para cada variante).

Figura 17 - Cômputo geral das notas atribuídas pelos participantes: números brutos.

Contagem das notas	[1]	[2]	[3]	[4]	[5]	Total Geral
<b>Tu</b>	31	36	61	65	147	340
<b>Assimétrico</b>	26	20	36	25	63	170
<b>Simétrico</b>	5	16	25	40	84	170
<b>Você</b>	62	69	74	72	63	340
<b>Assimétrico</b>	24	30	34	45	37	170



<b>Simétrico</b>	<b>38</b>	<b>39</b>	<b>40</b>	<b>27</b>	<b>26</b>	<b>170</b>
<b>Total Geral</b>	<b>93</b>	<b>105</b>	<b>135</b>	<b>137</b>	<b>210</b>	<b>680</b>

Fonte: Elaboração própria.

O pronome *tu* recebeu 212 julgamentos positivos (soma de 65 com 147) contra 135 (72 mais 63) para *você*, somando-se as notas mais altas da escala (5 e 4). As cenas com *você* receberam mais notas 3, um ponto intermediário na escala (22% - 74/340): indício de que os portugueses demonstraram certo estranhamento ao uso de *você* nas cenas vistas.

As figuras 18 e 19 apresentam o resultado de Lisboa. A figura 18 mostra uma escala com notas mais altas (nota 5) nas legendas com *tu* nos dois tipos de relação: ligeiro favorecimento para relações simétricas: em 49% dos julgamentos foram atribuídos à nota 5 (simétricas) e em 37% (assimétricas-preto). A figura 19 de *você* tem outro padrão. Os julgamentos feitos quando a frase continha *você* não têm um resultado claro: quase todas as notas ficam em torno de 15 a 20% nos dois tipos de relação. Em termos comparativos, os percentuais para as relações assimétricas são ligeiramente mais altos (4 e 5) se comparado ao que se observa nas relações simétricas. Para a nota 5, tem-se 22% para *você-assimétrico* contra 15% para *você-simétrico* e assim por diante. Então, as figuras mostram forte aceitação de *tu* e rejeição/dúvida para *você*.

Figura 18 - Frequência *tu* por tipo de relação PE (Lisboa).

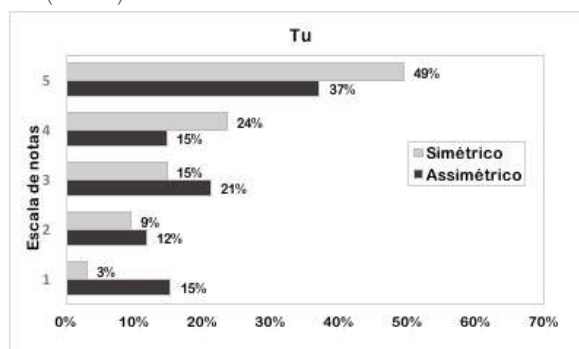
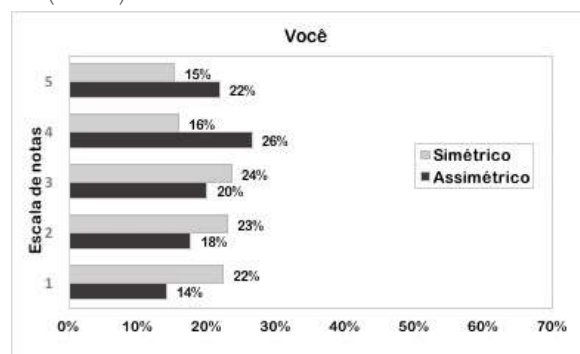


Figura 19 - Frequência *você* por tipo de relação PE (Lisboa).



Fonte: Elaboração própria.

Agora comparando com o PB nas figuras 20 e 21, o que temos?

Figura 20 – Frequência *tu* por tipo de relação PB (Rio de Janeiro).

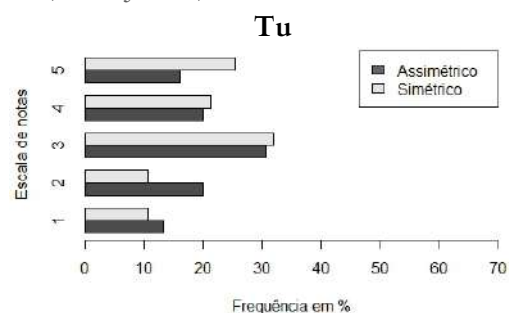
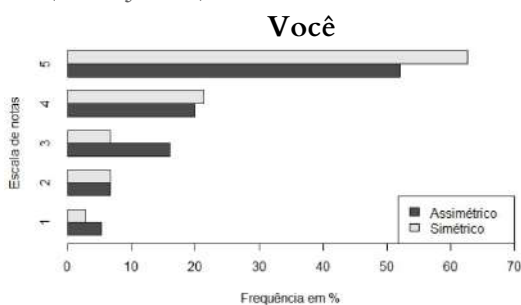


Figura 21 – Frequência *você* por tipo de relação PB (Rio de Janeiro).



Fonte: Extraído de Oliveira, Lopes e Carvalho (2016).

Os padrões visuais dos gráficos são bastante semelhantes se forem observados como uma *proporção inversa*: os resultados do experimento legendado para *tu* no PE (figura 18) correspondem ao que fora observado para *você* no PB (figura 21), assim como os resultados de *você* no PE (figura 19) correspondem ao resultados de *tu* no PB (figura 20). A aceitação pelos falantes do PE e do PB das formas variantes é, por assim dizer, oposta ou contrária. Enquanto a forma *tu* é bem avaliada com notas máximas no PE nas relações simétricas e assimétricas, no Brasil (Rio de Janeiro), foi a forma *você* que obteve as notas mais altas. Houve “forte oscilação no julgamento com favorecimento para a nota 3. Isso mostra uma reação negativa quando o estímulo apresentava o pronome *você* no PE (Lisboa) e o pronome *tu* no PB (Rio de Janeiro).

Outras variáveis grupais foram controladas, como por exemplo, fator etário, perfil profissional e localidade de nascimento. Por ora, mostrarei apenas os resultados relativos às estruturas linguísticas: os tais padrões postulados.

Para observar a reação à forma em si (eliminando a concordância), foram propostas estruturas linguísticas que (a) favorecessem a presença explícita de *você* e *tu* em contextos de variação; e (b) estabelecessem uma distinção entre sujeito nulo e pleno focalizado.

A proposta foi adotada não só porque o PE, ao contrário do PB, é uma língua de sujeito nulo, mas para identificar ora o julgamento da forma explícita (*tu* ou *você*) ora o julgamento das formas verbais associadas a eles, uma vez que, por hipótese, a desinência verbal de terceira pessoa não teria necessariamente o valor negativo presente em *você*.

Vejamos os padrões sintáticos:

**Padrão 1:** Construções de tópico-comentário com uma das formas variantes, como pronomes fortes, em posição de tópico:

- a) *Tu*, doente da garganta? Que tolice! (**tuass04**)
- b) *Tu...* A Rita não está a sair com o chefe por amor. (**tusim04**)

- c) *Você*, inocente? Todos os presos dizem o mesmo. (vcass01)
- d) *Você*, ao meu lado... para sempre. (vcsim04)

**Padrão 2:** Construções de elipse, sejam coordenadas sejam estruturas comparativas em ambos os casos com verbo elíptico:

- a) Nós somos honestos... mas *tu* não ~~(és)~~. (tuassim03)
- b) Assim, ficarei tão feliz quanto *tu* ~~(ficarás)~~. (tusim03)
- c) Sou tão culpado do crime quanto *você* ~~(é)~~. (vcass03)
- d) Não sou doente como *você* ~~(é)~~. (vcsim02)

**Padrão 3:** Construção em que o pronome aparece dentro do sintagma nominal, com adjunto, mas não tem nenhuma relação sintática com o verbo:

- a) [Nem *tu*, nem ninguém]SUJ pode mudar de lugar agora. (tuass01)
- b) [Ninguém, nem *tu*,] SUJ vai conseguir casar com ele. (tusim05)
- c) A sua mãe, o seu pai e até *você*, todos morreremos um dia. (vcass02)
- d) E [os rapazes, inclusive *você*,] SUJ levaram com a culpa. (vcsim05)

**Padrão 4:** Construções com sujeito pleno em que o pronome aparece focalizado com operadores:

- a) E *tu mesma* podes guardar-me as compras. (tuass04)
- b) *Nem tu* sabes do que sou capaz! (tusim02)
- c) *Só você* para achar que acreditei nessa história. (vcass05)
- d) Foi *você mesmo* que nos disse. (vcsim01)

**Padrão 5:** Construções com sujeito nulo:

- a) Por acaso, *sabes* quem sou eu? (tuass05)
- b) Volta aqui! *Vais-te* arrepender! (tusim01)
- c) ... é impossível, só *pode* estar louca! (vcass04)
- d) *Sabe* que eu tenho que estudar. Tem que perceber isso! (vcsim03)

Os resultados estão nas figuras 22-25. Em cada temos (o pronome e tipo de relação). As notas dadas estão no eixo *x* e os padrões estão indicados nas cores das legendas:

Figura 22 – Frequências das notas dadas a *tu*-simétrico por padrão estrutural (Lisboa).

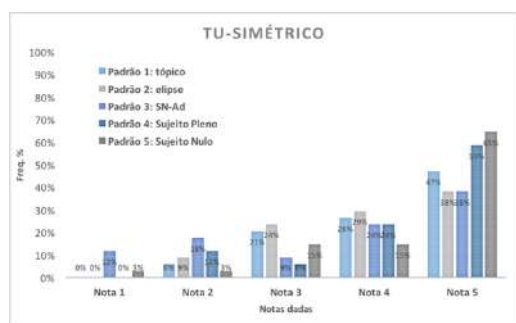


Figura 23 – Frequências das notas dadas a *você*-simétrico por padrão estrutural (Lisboa).

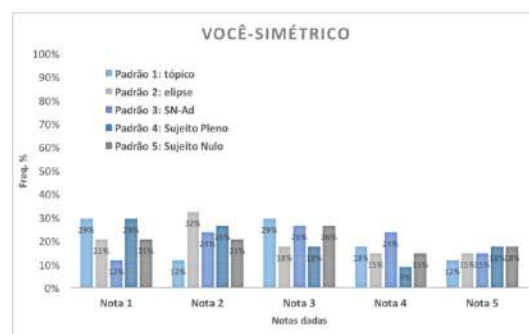


Figura 24 – Frequências das notas dadas a *tu*-assimétrico por padrão estrutural (Lisboa).

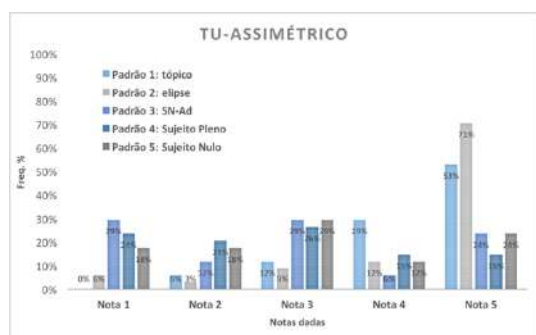
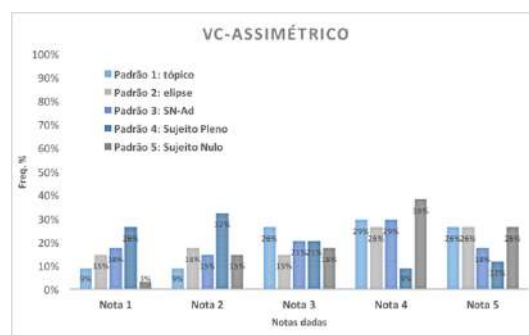


Figura 25 – Frequências das notas dadas a *você*-assimétrico por padrão estrutural (Lisboa).



Fonte: Elaboração própria.

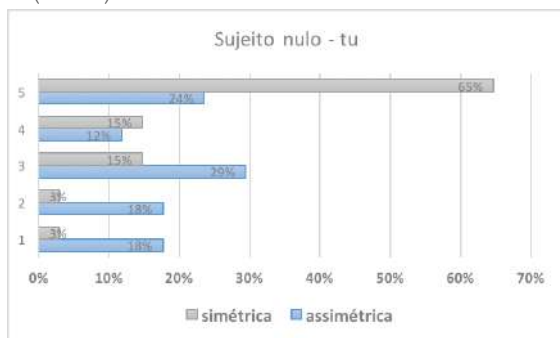
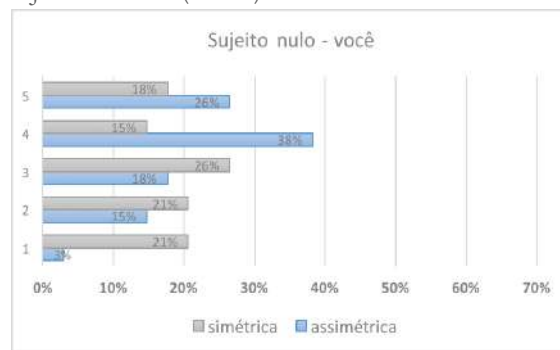
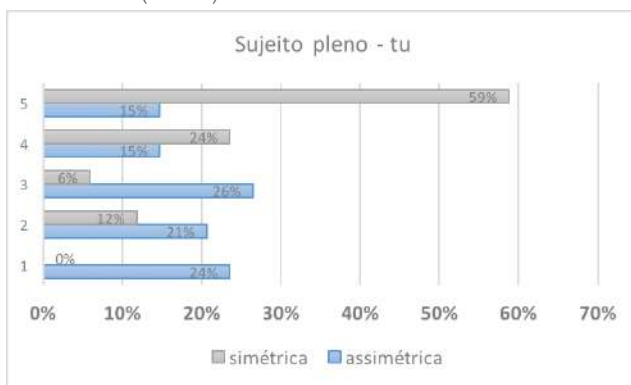
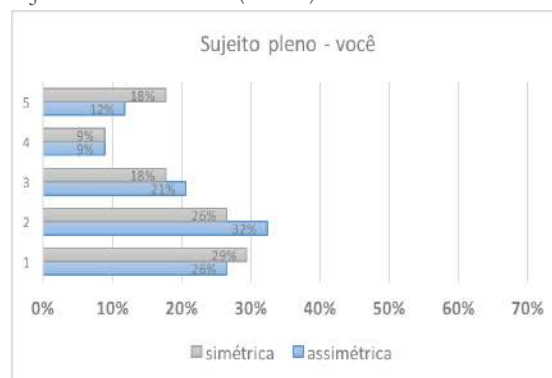
Os resultados são mais complexos, mas é possível fazer certas generalizações.

Os padrões sintáticos não interferiram sobremaneira nos resultados. Na figura 22 de *tu*, todos os padrões apresentaram frequências altas e regulares para a *nota máxima* (5) com uma leve rejeição para os padrões 2 e 3. (elipse e SN)

Para o *você-simétrico* (figura 23), o comportamento também foi equivalente, só que agora com *notas baixas* principalmente no padrão 4 do sujeito pleno focalizado (ver notas mais baixas da rejeição).

### 5.3 Sujeito nulo vs. sujeito focalizado: diferenças relevantes

Nas figuras 26–29, observamos somente os dados na perspectiva da realização nula e plena do sujeito (padrão 4 e 5):

**Figura 26:** Frequências das notas dadas ao sujeito nulo *tu* (Lisboa).**Figura 27 –** Frequências das notas dadas ao sujeito nulo *você* (Lisboa).**Figura 28:** Frequências das notas dadas ao sujeito focalizado *tu* (Lisboa).**Figura 29:** Frequências das notas dadas ao sujeito focalizado *você* (Lisboa).

Fonte: Elaboração própria.

Por um lado, as figuras evidenciam a maior aceitação de *tu*, nulo ou pleno, mais nas relações simétricas do que nas assimétricas (figuras 26 e 28). Por outro lado, o comportamento para *você* é diferente se o seu emprego é nulo ou pleno (figuras 27 e 29). O *você-nulo*, ou melhor dizendo, a forma verbal na terceira pessoa do singular é mais bem avaliada nas relações assimétricas do que nas simétricas com frequências altas para as notas 4 e 5 (figura 27). A forma plena do pronome *você* (figura 29), entretanto, desencadeia outro tipo de reação entre os participantes: os valores mais altos de frequência estão para as notas 1 e 2 nos dois tipos de relação (confirmando a rejeição).

Os experimentos reiteram, de certa forma,

- (1) uma rejeição ao emprego explícito de *você* para a segunda pessoa no PE;
- (2) o emprego do verbo na terceira pessoa sem sujeito preenchido não é necessariamente interpretado como “tratar alguém por *você*” e, por tal razão, não é negativamente marcado, ou seja, a variante *sujeito nulo + verbo na 3ª pessoa* não é uma correlata da variante *você + verbo* no PE;
- (3) a forma verbal na terceira pessoa é uma estratégia bem aceita nas relações assimétricas;
- (4) a forma *tu* (como sujeito nulo ou focalizado) é bem avaliada nas relações simétricas.

## 6. Discussão e comentários finais

Respondi algumas das perguntas ao longo dessa apresentação. A questão da formação e a diferença dos sistemas de tratamento do PE e do PB, as etapas, as divergências e convergências, a mudança na gramática, a difusão de *você* na comunidade brasileira em termos diatópico-diacrônicos, a mudança nos valores sociopragmáticos das formas variantes em uma comunidade brasileira. Foi possível acompanhar as mudanças sociais e gramaticais ocasionadas pela inserção de *você* no PB e a manutenção de um quadro estável no PE com a preservação de *tu* como sujeito nulo. Enfatizei o espraiamento de *você* nos contextos de *tu*, principalmente, na escrita feminina e, com os experimentos, confirmei as hipóteses levantadas por Guilherme e Bermejo (2015) sobre as reações negativas a *você* no PE ao contrário do que se verifica no Brasil.

Mas, a questão (2) sobre o porquê do tratamento *você* apresentar valor negativo, pejorativo e indelicado no PE e no PB ter uma acepção não-marcada e positiva, eu sabia que não teria como responder.

Como uma sociolinguísta histórica que junta fragmentos esparsos do passado para reconstruí-lo, me limito a levantar hipóteses sem me atrever a dar respostas mais conclusivas. As evidências dos poucos trabalhos que há sobre o tema no PE permitem conjecturar possíveis motivações.

Partindo das observações de Guilherme e Bermejo (2015) sobre o fato de os falantes do português terem preferências por outras estratégias em detrimento de *você* e tal forma “atestar-se (como forma residual) só em informantes mais velhos e de localidades rurais” (p.177), é possível hipotetizar que o *você* pode ter se cristalizado com o valor sociopragmático do século XIX: uma corruptela do tratamento distante *Vossa Mercê*. Como uma forma corrompida foneticamente e por um certo desgaste social fincou-se em rincões portugueses com os quais os falantes citadinos quiseram se desvincular. Quando aportou no Brasil, não estava tão desbotado e se disseminou na Colônia ainda como uma forma de prestígio manifesto por ter um resquício de formalidade vinculado à sua origem colonizadora da Metrópole. Aqui teve todas as condições sociais para sua difusão local seja na boca dos escravizados, dos seus descendentes, e dos outros imigrantes, todos aloglotas, como bem lembram Nascimento, Mendes e Duarte (2018), citando (LUCCHESI, 2009).

Embora seja um devaneio tal explicação, por incrível que pareça, as forças internas, intralinguísticas são também poderosas com fortes evidências do encaixamento linguístico e social. Como Conde Silvestre (2007, p. 77) diz, a mudança não se processa por uma “transição completa de um sistema para outro e adapta-se ao contexto da comunidade de fala em que se desenvolvem”.

Os experimentos confirmaram que o sujeito nulo de terceira pessoa não instancia (ou instancia pouco) o sujeito pleno *ocê*. As duas formas não seriam variantes no PE, possivelmente pelo valor negativo que o tratamento carrega.

Portugueses e brasileiros interpretariam a seguinte frase retirada de uma entrevista da mesma maneira?

(23) – *Viveu nos EUA, na Austrália, em Espanha e na Inglaterra.*

Um brasileiro interpretaria que *alguém (ele ou ela)* morou nos países citados. O falante do português europeu provavelmente identificaria como sujeito o seu interlocutor, ou seja, a pessoa com quem se fala (a segunda pessoa), dificilmente, porém, se perguntado quem viveu nos EUA, responderia com o sujeito *ocê*. Vários candidatos poderiam correr (o tratamento *o/a senhor(a), um prenome, um nome afetivo, uma profissão*, etc): *O senhor viveu... O Henrique viveu... O rapaz viveu... O professor viveu... Tu vive(ste)...* As leituras seriam diferentes pela interferência do valor sociopragmático na gramática ou vice-versa. Obviamente que contextos mais amplos facilitariam a interpretação:

(24) – Porque decidiu voltar?  
 – Não decidi. (...)  
 – O Henrique grita na cozinha?  
 -- Não, sou muito mais de responsabilizar as pessoas do que de humilhá-las.  
 – Já abriu o primeiro restaurante fora do País. Sempre quis internacionalizar-se ou isso surgiu por acaso?<sup>6</sup>

Para terminar, sintetizo algumas ideias. Como o PE é uma língua de sujeito nulo, diferente do PB que tem se tornado uma língua de sujeito nulo parcial, o tratamento *ocê* não avançou na mesma velocidade no seu processo de gramaticalização, mantendo-se como uma forma mais marcada e assumindo acepções negativas. Assim, no PE a referência à segunda pessoa é mais frequente com desinência verbal de 2ª pessoa (*Entregarás dinheiro agora*) ou a de 3ª pessoa (*Entregará o dinheiro agora*). Este último, verbo na 3ª pessoa, não está associado necessariamente a *ocê*, pois vários candidatos podem ocupar tal posição: *o senhor, o prenome do interlocutor, um SN afetivo*, etc. No PB, o processo é diferente, embora a origem tenha sido a mesma, nos idos dos séculos XVIII e XIX, o espriamento de *ocê* para os espaços funcionais de *tu* no âmbito da intimidade foram se ampliando. Assim, defendo

<sup>6</sup> <http://visao.sapo.pt/actualidade/entrevistas-visao/2019-03-31-Faco-por-ter-mulheres-na-cozinha-por-varias-razoes.-Isso-melhora-ate-o-nivel-das-conversas>

que a interpretação dos usos tratamentais nas duas variedades/línguas é diferente por valores sociopragmáticos e históricos assumidos nos dois territórios e por conta de um problema também na gramática das duas línguas.



## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, N. L. F. de. Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX). **Tabuleiro de Letras**, v. 4, 2012. p. 71-85. Disponível em: [http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero\\_04/pdf/no04\\_artigo012.pdf](http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo012.pdf).
- AMOR DIVINO, L. S. do. **Como trato meu receptor? A propósito do uso de tu/você em Santo Antônio de Jesus-BA**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- ANDRADE, A.; OLIVEIRA, M. F.; CARNEIRO, Z. Formas de tratamento em cartas da Bahia. In: LOPES, C. R. S.; CASTILHO, A. (Orgs). **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra : perspectiva funcionalista**. São Paulo: Editora Contexto, v.1, 2018. p.107-118.
- ATAÍDE, C. A.; LIMA, T. J. S. A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX. **LaborHistórico**, v. 4, n. 2, 2018. p. 92-103. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.17500>.
- BALSALOBRE, S. R. G. **Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento**. 2015. 345 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127872>.
- BORIS, F. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada em la conversación. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. **Pragmática sociocultural** – Estudios sobre el discurso de cortesía em español. Barcelona: Ariel, 2004. p. 67-93.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universal in language usage**. Cambridge: Cambridge University, 1987.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). **Style in language**. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449.
- CARREIRA, M. H. A. La designation de l'autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives. Instabilités linguistiques dans les langues romanes. **Travaux et Documents**, n. 16, 2002. p. 173-184.
- CINTRA, L. F. L. **Sobre formas de tratamento na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

- COELHO DA SILVA, F. **Variação entre os pronomes tu e você na função de sujeito na fala de Natal (RN):** uma abordagem sociofuncionalista. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em:  
<http://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20149>.
- COHEN J. D.; MACWHINNEY B.; FLATT M.; PROVOST J. PsyScope: A new graphic interactive environment for designing psychology experiments. **Behavioral Research Methods, Instruments, and Computers**, v. 25, n. 2, 1993. p. 257-271.
- CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.
- COSTA, J. P. dos S. et al. **O uso do pronome tu na linguagem cotidiana dos estudantes de Jitaúna/Ba**. Monografia de conclusão de Curso – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2007.
- COSTA, E. C. C. da; GOMES, V. S.; SILVA, C. R. T. Variação e Tradição: uma análise do Tu e Você na posição de sujeito em cartas de pernambucanos (1860-1989). **LaborHistórico**, v. 4, n. 1, 2018. p. 55-71. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i1.17490>.
- CUNHA, M. A. F. da; SILVA, J. R. A mudança linguística sob a ótica da Linguística Funcional. **LaborHistórico**, v. 5, n. 1, 2019. p. 15-35. Disponível em:  
<https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.15272>.
- DERWING, B. L.; DE ALMEIDA, R. G. Métodos experimentais em Linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Eds.). **Processamento da Linguagem**. Pelotas: Educat, 2005. p. 401-442.
- DUARTE, I. M. Formas de tratamento: item gramatical no ensino de Português Língua Materna. In: BRITO, A. M. (Ed.). **Gramática: História, Teoria, Aplicações**. Porto: Fundação da Universidade do Porto, 2010. p. 133-147.
- DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, UNICAMP, 1993.
- FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, v. 13, 1996. p. 51-82.

- FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. **LaborHistórico**, v. 3, n. 2, 2018 [1996]. p. 114-132. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v3i2.17150>.
- FARIA, R. F. N. **O Fenômeno da Delicadeza Linguística em Português e em Inglês**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2009.
- GOFFMAN, E. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114.
- GOMES, V. S.; LOPES, C. R. S. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 24, 2016. p. 137-165.
- GUILHERME, A. R. B.; BERMEJO, V. L. Quão cortês é *você*? O pronome de tratamento *você* em Português Europeu. **LaborHistórico**, v. 1, n. 2, 2015. p. 167-180. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v1i2.4801>.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Volume I, Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 17-35.
- KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**. Rio de Janeiro: Contexto, 2015. p.143-156.
- KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento *vues- tra merced* en español. In: KABATEK, J. (Ed.). **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas**. Madrid; Frankfurt: Iberoamericana; Vervuert, 2008. p. 53-88.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, v. 1, 1994.
- LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do vozeamento no português brasileiro: expansão de *você* – sujeito e retenção do clítico – *te*. **Revista Lingüística**, Madrid, v. 25, 2011. p. 30-65.
- LOPES, C. R. dos S.; SOUZA, J. P. F. Os caminhos trilhados por *você*... em cartas cariocas (século XIX-XX). In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EUFBA, v. 1, 2012. p. 171-190. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-14.pdf>.

- LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; BRITO, M. C. R. de; OLIVEIRA, T. L.; SOUZA, J. P. F.; COELHO, I. L.; GOMES, V. S.; CARNEIRO, Z.; ANDRADE, A. L.; MARTINS, M. A.; OLIVEIRA, M. F.; MONTE, V. M.; SOUZA, C. M. N.; BALSALOBRE, S. R. G.; MOURA, K. K.; CRUZ, I. A.; CARDOSO, N. D. A No Sistema Pronominal De 2a. Pessoa Na História Do Português Brasileiro: Posição De Sujeito In: LOPES, C. R. dos S. (Org.). CASTILHO, A. T. de. (Cord.). **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Editora Contexto, v. 4, 2018. p. 7-105.
- LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; OLIVEIRA, T. L. de. A atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: análise de cartas pessoais (1870-1979). **Estudos de Linguística Galega**, 2018. p. 29-44. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15304/elg.ve1.3543>.
- LOPES, C. R. dos S.; SOUZA, Janaina Pedreira. Formas de tratamento em cartas do Rio de Janeiro. In: LOPES, C.R.S.; CASTILHO, Ataliba. **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra : perspectiva funcionalista**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, v.1. p. 46-66.
- LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, C. R. S. (Org.) **A Norma Brasileira em Construção**. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 45-66.
- LOPES, C. R. dos S.; MOTA, M. A. A Percepção e a Aceitabilidade de Formas de Tratamento no Português Europeu (PE): uma Abordagem Experimental. **Working Papers em Linguística**. No prelo.
- LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.
- MACHADO, A. C. M. **As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MARCOTULIO, L. L. Sobre la génesis de Vossa Mercê en el portugués medieval. **Linguística**, Montevideo, v. 31, n. 1, 2015. p. 61-79. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2079-312X2015000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2015000100005&lng=en&nrm=iso).
- MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade

- Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/1843/AIRR-7DHJPA>.
- MOURA, K.; MARTINS, M. A. Formas de tratamento em cartas do Rio Grande do Norte. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.). CASTILHO, A. T. de. (Cord.). **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Editora Contexto, v. 1, 2018. p. 129-137.
- NASCIMENTO, M. F. B. do, MENDES, A.; DUARTE, M. E. Sobre formas de tratamento no Português Europeu e Brasileiro. **Revista Diadorim**, v. 20, n. Especial, 2018. p. 245-262. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23276>.
- OLIVEIRA, T. L.; LOPES, C. R. dos S.; CARVALHO, B. B. A expressão da 2ª pessoa do singular em cenas legendadas: variação e percepção numa abordagem experimental. **Revista Todas as Letras**, v. 18, n. 2, 2016. p. 117-132. Disponível em:  
<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/9173/6194>.
- OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 395 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PAREDES SILVA, V. L. **A variação você/tu na fala carioca**. Comunicação apresentada no 1º *Encontro de Variação Linguística do Cone Sul*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Setembro de 1996.
- PERES, E. P. **O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte** – um estudo em tempo aparente e em tempo real. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/1843/LHAM-6N6HVT>.
- RUMEU, M. C. de B. **A implementação do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- RUMEU, M. C. de B. **Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.
- RUMEU, M. C. de B.; CRUZ, I.; CARDOSO, N. Formas de tratamento em cartas de Minas Gerais. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.). CASTILHO, A. T. de. (Cord.). **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Editora Contexto, v. 1, 2018. p. 67-77.

- SANTANA, W. E. **O governo de Acácio no exílio de Heitor** – As correspondências de Washington Luís e seus correligionários acerca do governo Vargas e dos Direitos Políticos e civis (1930-1947). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2009.tde-19022010-170350>.
- SANTOS, Viviane Maia. **“Tu vai para onde?... Você vai para onde”**: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SCHERRE, M.; et al.: Variação dos pronomes tu e você. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.
- SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA, R. J.; SHARMA, D. (Eds.). **Research methods in linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2013. p. 27-50.
- SETTE, Neide Durães. **Formas de tratamento no português coloquial**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980.
- SOTO, U. **Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira**. Niterói: Editora da UFF, 2007.
- SOUZA, C. D.; LOPES, C. R. dos S. Estudo histórico do complemento acusativo de 2ª pessoa do singular. **Fórum Linguístico**, v. 12, n. 4, 2015. p. 900-914. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2015v12n4p900>.
- SOUZA, J. P. F. de. **“Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX”**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.laborhistorico.letras.ufrj.br/Mestrado/SouzaJPF.pdf>.
- WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHAMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.